

A Economia Moderna nasceu em Londres

Paulo Galvão Júnior (*)
e Luiz Alberto Machado (**)

1. Considerações iniciais

A história da Economia Moderna, enquanto Ciência Social, tem em Londres, capital do Reino Unido (RU), o seu ponto de inflexão decisivo. Capital do maior império da era moderna, centro financeiro internacional desde o século XVIII e polo intelectual do mundo ocidental, Londres constituiu o ambiente histórico no qual as grandes ideias econômicas ganharam forma teórica, método científico e projeção internacional.

Não por acaso, foi na capital inglesa que se consolidaram editorial e intelectualmente três das obras mais influentes da história do pensamento econômico. *A Riqueza das Nações* (1776), de Adam Smith (1723-1790), estabeleceu os fundamentos do liberalismo econômico e inaugurou a Economia Moderna. *O Capital* (1867), de Karl Marx (1818-1883), teve em Londres o principal espaço intelectual de elaboração, maturação teórica e difusão internacional de sua crítica ao capitalismo e de sua defesa do socialismo científico. Já *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda* (1936), de John Maynard Keynes (1883-1946), revolucionou o pensamento econômico do século XX ao fundar a Macroeconomia e redefinir o papel do Estado nas economias capitalistas.

Essas três obras fundamentais de Economia, associadas editorial, intelectual e historicamente a Londres, moldaram sistemas econômicos, políticas públicas e debates teóricos que atravessaram séculos e continuam a influenciar economistas, políticos, filósofos, sociólogos, empresários e trabalhadores no século XXI.

2. Londres é a cidade europeia que pensou a Economia

Londres não foi apenas o local de publicação de grandes livros de Economia; foi o espaço urbano no qual a Economia Moderna foi observada, analisada e reinterpretada empiricamente. Ao longo de mais de dois séculos, a cidade europeia consolidou-se como centro intelectual, político e financeiro do mundo ocidental.

A *Westminster Abbey* é um dos edifícios religiosos mais emblemáticos do RU e está profundamente associada à história política e institucional britânica. Inserida no contexto histórico em que se consolidaram o liberalismo econômico e a Escola Clássica, esse período foi marcado pelas contribuições do economista Adam Smith, cujas ideias exerceiram influência decisiva sobre o pensamento econômico moderno.

O *Big Ben*, principal cartão postal de Londres, é símbolo do tempo histórico e da estabilidade institucional britânica, representa o Estado moderno que sustentou às reflexões críticas de Karl Marx e as propostas reformistas de John Maynard Keynes.

O Parlamento britânico, localizado no *Palace of Westminster*, foi cenário direto das discussões sobre legislação trabalhista, comércio internacional e política fiscal analisadas por Marx e Keynes.

Os tradicionais ônibus vermelhos de dois andares (*double-decker buses*), ícones da modernidade urbana desde o início do século XX, remetem à consolidação de Londres como metrópole global, cenário essencial para a observação do desemprego, das flutuações econômicas e das crises do capitalismo analisadas por Keynes.

A *British Library*, especialmente quando integrada ao *British Museum* no século XIX, ocupa lugar central na história do pensamento econômico. Karl Marx passou anos em suas dependências, analisando estatísticas, relatórios industriais, documentos parlamentares e as obras dos economistas clássicos, elaborando parte substancial de *O Capital*. Atualmente, a *British Library* abriga cerca de 170 milhões de livros, constituindo-se em um dos espaços mais emblemáticos da produção intelectual da economia mundial.

As ruas, praças, parques, cafés, *pubs* e livrarias de Londres, especialmente nas regiões de Soho, Bloomsbury e Westminster, foram frequentadas por Adam Smith, no século XVIII, em debates sobre moral, livre comércio e protecionismo; por Karl Marx, no século XIX, em contato direto com a realidade da Londres industrial; e por Keynes, no século XX, entre universidades, bancos e departamentos do governo britânico. Londres foi, portanto, mais do que um cenário, foi agente ativo da construção da Ciência Econômica.

Além disso, Londres foi a capital de um império colonial com presença em quatro continentes, como os Estados Unidos da América (EUA) e o Canadá (América), a Índia e Hong Kong (Ásia), a África do Sul e o Egito (África), além da Austrália e da Nova Zelândia (Oceania). O Império Britânico disseminou, por décadas, os hábitos capitalistas, a língua inglesa e o poder monetário da libra esterlina.

3. Os livros fundamentais da Economia associados a Londres

3.1. *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith

O filósofo e economista escocês Adam Smith é reconhecido como o pai da Economia Moderna. Nascido em 5 de junho de 1723, em Kirkcaldy, na Escócia, Smith estudou Filosofia Moral na Universidade de Glasgow e, posteriormente, na Universidade de Oxford, no Balliol College, entre 1740 e 1746, período em que esteve frequentemente em Londres.

Com a publicação de *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, em 9 de março de 1776, ano da independência dos EUA, Adam Smith consolidou-se como o primeiro grande economista da história. Publicada em Londres, a obra rompeu com o mercantilismo e criticou parcialmente os economistas fisiocratas e apresentou conceitos centrais como a divisão do trabalho, a lei da oferta e da demanda, a livre concorrência, o interesse individual e a “mão invisível” do mercado.

Em passagem clássica, Smith afirma: “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse” (SMITH, 1983, p. 50).

A Riqueza das Nações foi publicada em dois volumes com cinco livros. Livro Primeiro: As causas do aprimoramento das forças produtivas do trabalho e a ordem segundo a qual sua produção é naturalmente distribuída entre as diversas categorias do povo; Livro

Segundo: A natureza, o acúmulo e o emprego do capital; Livro Terceiro: A diversidade do progresso da riqueza nas diferentes nações; Livro Quarto: Sistemas de Economia Política; Livro Quinto: A receita do soberano ou do Estado.

A obra é composta por cinco livros, a primeira edição de *A Riqueza das Nações* foi publicada em dois volumes, dos quais o primeiro volume contém os Livros I, II e III, e o segundo volume, os Livros IV e V. A obra prima de Adam Smith exerceu influência duradoura sobre políticos, como John Adams, o primeiro vice-presidente e o segundo presidente dos EUA, e economistas, incluindo Marx e Keynes.

O livro seminal de Adam Smith contém 32 capítulos, durou 12 anos para ser publicado, de 1764 em Toulouse até 1776 em Londres. O Livro Primeiro tem 11 capítulos. O Livro Segundo tem cinco capítulos. O Livro Terceiro conta com quatro capítulos. O Livro Quarto apresenta nove capítulos. E o Livro Quinto tem três capítulos.

Luiz Alberto Machado, no livro *Viagem pela Economia*, enfatiza (2019, p. 78): “(...) muito do que se fala ou se escreve a respeito de Smith e de outros grandes pensadores não é exatamente o que eles pensaram ou escreveram, mas sim a interpretação, nem sempre precisa, de uma terceira pessoa. Daí a recomendação, contida também na introdução de Winston Fritsch, de que no estudo da história do pensamento econômico, nada substitui o original”.

Em seguida, na mesma página, Machado comenta: “O número de ideias extraordinárias contidas em *A Riqueza das Nações* é enorme. Dividido em 5 partes (ou livros) a obra começa pelo entendimento do funcionamento da economia (livros 1 a 3) para depois apresentar reflexões sobre a economia (livros 4 e 5), incluindo no livro 5 uma discussão acerca do papel do Estado na economia”.

No Livro I, Capítulo I, Adam Smith (1983, p. 41) enfatiza que, “O maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é em toda parte dirigido ou executado, parecem ter sido resultados da divisão do trabalho”.

Aprendemos com Smith sobre a *division of labor*. Smith usou o famoso exemplo dos trabalhadores em uma pequena fábrica de alfinetes, em Kirkcaldy, pequena e portuária cidade escocesa, para descrever os benefícios criados pela divisão do trabalho no início da Revolução Industrial.

Com o professor Adam Smith, da Universidade de Glasgow, aprendemos que o trabalho é um conjunto de atividades produtivas ou criativas, que o ser humano exerce para atingir um determinado fim. Já a divisão do trabalho faz com que o trabalhador produtivo adquira, com a tarefa repetitiva, uma agilidade maior e com isso fique treinado na execução de seus movimentos, provocando assim uma diminuição do tempo gasto e um aumento na produção.

Adam Smith teve contato com as precárias condições de vida dos trabalhadores nas primeiras fases da industrialização britânica e demonstrou preocupação com elas; contudo, uma crítica sistemática e radical a tais condições desumanas somente se consolidaria mais de noventa anos depois, com a obra prima de Karl Marx.

3.2. *O Capital*, de Karl Marx

O filósofo, sociólogo, jornalista e economista alemão Karl Marx, em parceria intelectual com o filósofo, empresário e sociólogo alemão Friedrich Engels, é considerado o fundador do Socialismo Científico. Karl Henrich Marx nasceu em 5 de maio de 1818, na cidade de Trier, então parte do Reino da Prússia (atual Alemanha).

A principal obra de Karl Marx é *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*. Teve o Livro I publicado originalmente em alemão, em 1867, na cidade alemã de Hamburgo, com tiragem inicial de mil exemplares. Contudo, foi em Londres, onde Marx viveu por mais de três décadas, que *O Capital* encontrou seu ambiente intelectual decisivo. Na capital britânica, Marx realizou extensas leituras, pesquisas empíricas e reflexões teóricas, sobretudo na *British Library*, utilizando o capitalismo industrial inglês como base empírica de sua crítica à exploração do trabalho, à desigualdade social e ao processo de acumulação do capital.

A tradução inglesa de *O Capital*, publicada em Londres em 1887, quatro anos após a morte de Marx, foi um grande sucesso editorial e desempenhou papel central na difusão internacional da obra, consolidando sua influência no mundo anglófono. Assim, embora publicada inicialmente em Hamburgo, *O Capital* foi pensado, amadurecido e universalizado a partir de Londres, uma cidade com muitos dias nublados e chuvosos.

No intuito de criticar duramente a exploração capitalista, Marx no Volume I expôs, “O que eu, nesta obra, me proponho a pesquisar é o modo de produção capitalista e suas relações correspondentes de produção e de circulação. Até agora, a sua localização clássica é a Inglaterra” (MARX, 1988, p. 18).

Na visão marxista, divergindo da visão malthusiana onde a pobreza origina-se do crescimento incontrolável do número de pessoas, a pobreza passou a ser vista como uma consequência nefasta da estrutura social da sociedade capitalista. A visão malthusiana foi contestada por Engels e, principalmente, por Marx. Ambos se recusaram a aceitar as leis naturais da população de Malthus como certas.

Marx enfatiza que o modo de produção capitalista é um sistema que essencialmente produz e vende mercadorias, cuja sociedade está caracterizada pela propriedade privada dos fatores clássicos de produção: terra (renda), trabalho (salário) e capital (juro). A iniciativa privada é sempre guiada por fins lucrativos. Enquanto os trabalhadores assalariados, diz Marx, estão irremediavelmente condenados à pobreza.

A luta de classes entre a burguesia e o proletariado no RU constitui o eixo central da análise de Marx, servindo como fundamento teórico e político para a conscientização da classe trabalhadora e para a organização da revolução proletária. Para Marx, esse conflito estrutural, inerente ao modo de produção capitalista, deveria conduzir à superação da propriedade privada dos meios de produção e à sua substituição pela propriedade coletiva, sob a forma de propriedade social ou estatal, característica do modo de produção socialista.

Karl Marx teve um impacto profundo no pensamento econômico, social e político mundial. Suas ideias, desenvolvidas no século XIX, como a teoria da mais-valia, continuam a ser revisadas, debatidas, criticadas e aprimoradas por estudiosos e

economistas até hoje. Seu materialismo histórico dialético e sua análise da luta de classes moldaram não apenas a teoria econômica, mas também movimentos políticos em diversas partes do mundo.

O legado de Marx pode ser visto na forma como analisamos o capitalismo e suas contradições. Apesar das mudanças nas estruturas econômicas ao longo dos séculos, conceitos como a crítica à concentração de riqueza e da renda ainda são relevantes nas discussões modernas.

Em 1867, Karl Marx publicou o Volume I de *O Capital (O Processo de Produção do Capital)*. Os Volumes II (*O Processo de Circulação do Capital*, 1885) e III (*O Capital Global e a Produção do Lucro*, 1894) foram editados postumamente por Friedrich Engels. Posteriormente, em 1905, Karl Kautsky publicou o chamado Volume IV, intitulado *Teorias sobre a Mais-Valia*, a partir dos manuscritos póstumos de Marx.

Para o economista Karl Marx, em sua obra prima *O Capital*, a sociedade capitalista é caracterizada pela divisão em classes sociais antagônicas. De um lado, encontra-se a classe dominante, a burguesia, que detém os meios de produção e exerce controle direto ou indireto sobre o Estado; de outro, a classe dominada, o proletariado, que vende sua força de trabalho e é explorada no processo produtivo.

Marx argumenta que as contradições inerentes ao capitalismo conduziriam historicamente à superação desse sistema e ao advento de uma sociedade comunista, na qual as classes sociais seriam abolidas. Segundo sua análise, os mercados livres tendem inevitavelmente a gerar crises econômicas cíclicas, além de provocar o empobrecimento progressivo das massas trabalhadoras.

Nesse sentido, Marx sustentava que a economia de uma nação poderia alcançar melhor desempenho social se a propriedade privada dos meios de produção fosse abolida e transferida para a gestão coletiva, sob controle do Estado, atuando em nome dos interesses do proletariado.

O revolucionário Karl Marx chegou a Londres em 1849, acompanhado de sua esposa, Jenny von Westphalen, e de suas filhas, estabelecendo-se definitivamente na capital britânica após o fracasso da Revolução de 1848 no continente europeu. Marx faleceu em Londres em 1883, quando a cidade ainda se afirmava como o principal centro econômico, político e cultural do capitalismo industrial, exercendo influência decisiva sobre as dinâmicas do comércio internacional, das finanças e da produção intelectual do século XIX.

Karl Marx observou diretamente, na Inglaterra, o estágio mais avançado do capitalismo industrial do século XIX; contudo, cerca de 69 anos após a publicação do Volume I de *O Capital*, surgiria à obra-prima revolucionária do economista John Maynard Keynes, que redefiniria os fundamentos da teoria econômica ao analisar o capitalismo financeiro do século XX. Durante a fase inicial da Terceira Revolução Industrial, o mundo também enfrentou a Grande Depressão, marcando uma profunda crise econômica global. Keynes surge, então, para propor políticas de intervenção estatal na economia de mercado, visando combater o desemprego, estimular a demanda agregada e estabilizar o capitalismo frente à crise de 1929.

3.3. A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, de John Maynard Keynes

Publicado em Londres, em 4 de fevereiro de 1936, *The General Theory of Employment, Interest and Money*, de John Maynard Keynes, revolucionou o pensamento econômico ao demonstrar que os mercados não garantem automaticamente o pleno emprego.

John Maynard Keynes nasceu em 5 de junho de 1883, na cidade de Cambridge, na Inglaterra. *The General Theory* é considerado uma das três mais importantes obras de Economia de todos os tempos e mudou o rumo do mundo. A obra revolucionária de Keynes tem 6 livros e 24 capítulos, e lançou as bases conceituais da Macroeconomia.

A grande obra de Keynes, em língua inglesa, foi iniciada em 1930 e foi publicada pela primeira vez em Londres, pela editora Macmillan, há nove décadas. Na coleção *Os Economistas*, em língua portuguesa, tem apresentação de Adroaldo Moura da Silva, prefácio do próprio Keynes (1983, p. 3), além de prefácios à edição alemã, japonesa e francesa, “Este livro é dirigido a meus colegas economistas. Espero que ele seja inteligível a outros, também, mas o propósito primordial dele é tratar de questões difíceis de teoria e, só em segundo lugar, das aplicações dessa teoria à prática”.

A obra tornou-se referência das políticas econômicas do pós-guerra e redefiniu o papel do Estado na estabilização das economias capitalistas. Para Keynes: “Os principais defeitos da sociedade econômica em que vivemos são a sua incapacidade de proporcionar o pleno emprego e a sua arbitrariedade e desigual distribuição da riqueza e das rendas” (KEYNES, 1983, p. 253).

Keynes atuou diretamente junto ao governo britânico e às instituições financeiras da *City of London*, reforçando o papel da capital inglesa como centro da política econômica mundial no século XX. Keynes refutou a Lei de Say, de 1803, e inverteu a famosa e clássica lei, enfatizando que a demanda que assegura a oferta. Segundo o economista clássico Jean-Baptiste Say, “A oferta cria a sua própria demanda”.

The Great Depression dos anos 30 contribuiu para o surgimento de um novo pensamento econômico, um pensamento revolucionário de Keynes, refutando o pensamento dos economistas clássicos como Adam Smith, David Ricardo, Jean-Baptiste Say e John Stuart Mill, além dos economistas neoclássicos como Alfred Marshall e Arthur Pigou.

O professor Keynes da Universidade de Cambridge criticou as ideias de Smith, Say, Ricardo, Marshall e Pigou, revelando ao mundo as suas ideias revolucionárias. Keynes (1983, p. 4) disse, “As ideias aqui expressas tão laboriosamente são extremamente simples e devem ser óbvias. A dificuldade não está nas novas ideias, mas em escapar das velhas, que se ramificam, para aqueles que foram criados como a maioria de nós foi, por todos os cantos de nossas mentes”.

Lord Keynes (1983, p. 258) escreveu, “Os regimes autoritários contemporâneos parecem resolver o problema do desemprego à custa da eficiência e da liberdade. É certo que o mundo não tolerará por muito mais tempo o desemprego que, à parte curtos intervalos de excitação, é uma consequência – e na minha opinião uma consequência inevitável – do capitalismo individualista do nosso tempo. Mas pode ser possível curar o mal por meio de uma análise correta do problema, preservando ao mesmo tempo a eficiência e a liberdade”.

Keynes sustentava que o governo deveria intervir na economia, aumentando os gastos públicos para gerar emprego, mas não concordava com o ditador nazista Adolf Hitler, o ditador fascista Benito Mussolini nem tão pouco com o ditador comunista Joseph Stalin. Todos eles, em nome do Estado forte e ditatorial, destruíram a democracia e a liberdade.

Em 1932, quando cerca de seis milhões de desempregados vagavam pelas ruas, a Alemanha foi devastada pela hiperinflação, pelo marco alemão muito desvalorizado, pelo alto custo da reconstrução das cidades, logo após a derrota na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e as indenizações impostas pelo Tratado de Versalhes, e pela fuga de investidores americanos, que empobreceram com a crise de 1929.

Desde 1929, nos EUA, milhões de pessoas sem emprego, milhões com fome nas filas de sopa, milhões sem casa. 659 bancos faliram em 1929, 1.352 em 1930, e 2.294 em 1931. Então, em 4 de março de 1933, Franklin Delano Roosevelt torna-se 31º presidente dos EUA, e começou em 1933 o *New Deal* e terminou em 1939, ano do início da Segunda Guerra Mundial. Os EUA no dia 7 de dezembro de 1941 foram atacados pelos japoneses em Pearl Harbor (Oahu, Havaí). Dia 8, Roosevelt declarou guerra ao Japão.

4. Considerações finais

Concluir que a Economia Moderna nasceu em Londres é reconhecer o papel singular da capital inglesa como berço intelectual das principais correntes do pensamento econômico. Liberalismo econômico, socialismo científico e keynesianismo foram formulados, difundidos e consolidados a partir de obras publicadas ou amadurecidas intelectualmente na cidade mais influente do RU.

Adam Smith, o maior economista do século XVIII, explicou o funcionamento dos mercados; Karl Marx, o maior economista do século XIX, revelou suas contradições; e John Maynard Keynes, o maior economista do século XX, demonstrou seus limites. Três livros fundamentais, três paradigmas teóricos e uma cidade central na história do pensamento econômico mundial: Londres.

Muito provavelmente, um ponto turístico comum a Adam Smith, Karl Marx e John Maynard Keynes foi a histórica *Tower of London*, às margens do rio Tâmisa. Inaugurada em 1066, ela é um dos mais emblemáticos símbolos da longa história política, econômica, militar e institucional do RU.

À luz desse legado, 2026 será um ano especialmente significativo para o pensamento econômico. *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, celebra seus 250 anos; *O Capital*, de Karl Marx, completa 159 anos; e *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, de John Maynard Keynes, comemora 90 anos de publicação.

Que possamos celebrar essas obras primas ao longo de 2026, em cidades como Toronto, Montreal, São Paulo, João Pessoa, Hamburgo, Londres, ou em qualquer outra cidade do mundo, promovendo encontros e debates sobre suas contribuições. Sobretudo, que o ano seja um convite à leitura, releitura e nova leitura dessas três grandes obras de Economia, de modo a estimular o surgimento de novos pensamentos econômicos à altura dos desafios contemporâneos.

Referências

KEYNES, John Maynard. *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*. Apresentação de Adroaldo Moura da Silva; tradução de Mário R. da Cruz. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas).

MACHADO, Luiz Alberto. *Viagem pela Economia*. São Paulo: Scriptum Editorial, 2019.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Apresentação de Jacob Gorender; coordenação e revisão de Paul Singer; tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3^a ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Economistas).

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua Natureza e suas Causas*. Vol. I. Apresentação de Winston Fritsh; tradução de Luiz João Baraúna São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas).

Autores

(*) **Paulo Galvão Júnior** é economista, formado pela UFPB (1998) e especialização em Gestão de RH pela FATEC Internacional (2009). Conselheiro efetivo do CORECON-PB, diretor secretário do Fórum Celso Furtado de Desenvolvimento da Paraíba, membro do Instituto de Inteligência Econômica em São Paulo e apresentador do programa Economia em Alta na rádio web Alta Potência em João Pessoa.

(**) **Luiz Alberto Machado** é economista, formado pela Universidade Mackenzie (1977) e mestre em Criatividade e Inovação pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal, 2012). Assessor da Fundação Espaço Democrático, é sócio-diretor da SAM - Souza Aranha Machado Consultoria e Produções Artísticas, é membro do Instituto de Inteligência Econômica. Autor e co-autor dos livros *Como enfrentar os desafios da carreira profissional* (Trevisan, 2012), *Das quadras para a vida* (Trevisan, 2018), *Viagem pela Economia* (2019) e *Economia + Criatividade = Economia Criativa* (2022), ambos publicados pela Scriptum Editorial.